Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Distopia, Imaginário e Midiatização: experimentações de novas questões de horizonte[1]

Dystopia, Imaginary and Midiatization: experimentations with new horizon questions

Jean Pierre Bocca

Palavras-chave: Distopia; Audiovisual; Imaginário; Ambiência; Midiatização.

Ao se proporem a imaginar ou fabular versões pessimistas – ou, no mínimo, pouco otimistas – de futuro, mas muito próximas da realidade, as distopias mexem com nossas emoções e com nossos imaginários individual e coletivo. Mais além, nos levam a refletir sobre o presente – nossa realidade, sociedade, nosso modo de vida e as escolhas que fazemos hoje. Acreditamos que essas narrativas surgem como resposta ou reação a questionamentos e preocupações crescentes em relação ao futuro, e ao medo ou à insatisfação em relação ao presente. Projetamos no futuro a crítica da sociedade que não somos capazes de fazer no presente, na nossa forma de pensar e de agir.

Mais do que oposto de utopia, compreendemos a distopia como um derivado, sua subversão ou perversão. Enquanto a utopia é a idealização de uma sociedade perfeita, o

[1] Trabalho apresentado ao IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

desejo por um estado de bem-estar, felicidade, harmonia e justiça, nas distopias, a busca pela perfeição utópica dá lugar ao medo e receio por uma realidade sombria e negativa – pior do que o presente. É a partir dessa ideia, ainda aberta e quase abstrata, que construímos nosso olhar sobre nosso objeto, as narrativas distópicas audiovisuais: narrativas de ficção científica, mas, também, fabulações e imaginações sobre o futuro, sombrio e pessimista, em materialidades cinematográficas e televisivas.

*

Este trabalho faz parte da dissertação de mestrado em andamento vinculada à linha de pesquisa Midiatização e Processos Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos. A partir do estágio atual da pesquisa, abordaremos alguns questionamentos que se apresentam no horizonte da pesquisa e que, em debate, irão contribuir para a construção das relações entre nosso objeto de pesquisa, a midiatização e o imaginário.

Distopias como experimentos mentais

Na introdução de *A mão esquerda da escuridão*[2], a escritora estadunidense Ursula K. Le Guin (2014, p. 8) escreveu: "A ficção científica não prevê; descreve. [...] Previsões são o trabalho de profetas, videntes e futurólogos. Não são o trabalho de romancista. O trabalho de romancista é mentir.". Argumentando que os escritores de ficção científica, assim como os artistas, contam a verdade através de mentiras, a autora refuta, veementemente, a ideia amplamente difundida de que a ficção científica pode ser definida como *extrapolação do presente* ou *previsão do futuro*. Para Le Guin (2014), a

[2] Romance considerado como a primeira obra de ficção científica feminista e a *Magnum Opus* de Ursula K. Le Guin.

Anais de Resumos Expandidos
IV Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

extrapolação, assim como tudo levado ao seu extremo lógico, gera um resultado deprimente e cancerígeno. Em vez dessa visão racionalista e simplista, a autora sugere que a ficção científica seja compreendida como um experimento mental:

> Digamos (diz Mary Shelley) que um jovem médico crie um ser humano em seu laboratório; digamos (diz Philip K. Dick) que os aliados tenham perdido a Segunda Guerra Mundial; digamos que isso ou aquilo seja assim ou assado e vejamos o que acontece... [...] O objetivo do experimento mental, termo usado por Schroedinger e outros físicos, não é prever o futuro – na verdade, o experimento mental mais famoso de Schroedinger[3] acaba mostrando que o "futuro", no nível quântico, *não pode* ser previsto –, mas descrever a realidade, o mundo atual. (LE GUIN, 2014, p. 8, grifo da autora).

Observamos, destarte, que os autores ou criadores de ficção científica fazem todo tipo de experimentação, relacionando, sobretudo, *imaginação*, *ciência* e *tecnologia*. Criam outros mundos e realidades, imaginam viagens no espaço e no tempo e vidas em outros planetas, projetam futuros apocalípticos e mais uma infinidade de imaginações. Nos interessam, no entanto, as *imaginações e fabulações sobre o futuro* e, em especial, sobre o que consideramos como *futuros distópicos*.

Assumindo como eixo temático o gênero narrativo ficção científica distópica, ou apenas distopia, propomos como materialidades observáveis seis realizações audiovisuais, cinematográficas e televisivas. Tendo em vista a amplitude de temas, características e tonalidades que as diferentes distopias podem apresentar, verificamos a

[3] Le Guin (2014) se refere ao experimento mental conhecido como "O Gato de Schrödinger". Nesse experimento, o físico propõe que, ao colocar um gato dentro de uma caixa lacrada junto de um dispositivo que libera um veneno automaticamente, não é possível afirmar que o gato está vivo ou morto até que a caixa seja aberta. O gato, nesse momento, encontra-se, ao mesmo tempo, vivo *e* morto, e o resultado não pode ser previsto.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

necessidade de delinear a pesquisa como um estudo de casos múltiplos (BRAGA, 2012). Procuramos na diversidade de filmes e séries elementos específicos que permitam compreender como essas narrativas são construídas.

Assumindo que cada caso do conjunto se constitui como uma realização narrativo-audiovisual de um "experimento mental" (LE GUIN, 2014), o trabalho tem como problema de pesquisa, até o momento, a pergunta: "De que forma cada narrativa audiovisual em estudo constrói sua experiência distópica específica e que 'teoria de distopia' é possível elaborar a partir do conjunto de casos?". O eixo da pesquisa se concentra em apreender e mostrar as características específicas e as lógicas internas de cada caso do conjunto, as interações que busca com seu possível público, as relações que elabora com a realidade social e com os imaginários social e midiático, o problema distópico construído pela narrativa e o imaginário proposto pela obra.

O caminho percorrido: acionamentos teóricos e metodológicos e uma pré-observação

Os observáveis que compõem esse estudo são obras de diferentes épocas e formatos, cinematográficas e televisivas, que abordam temas e tópicos *considerados como distópicos*, ou, ainda, que apresentam elementos, aspectos e nuances que indicam a *construção de uma ficção científica distópica*. Foram pré-selecionadas, até o momento: *Blade Runner, o caçador de androides* (*Blade Runner*, 1982), com a possibilidade de *Blade Runner 2049* (2017) ser acrescentado para um desdobramento analítico posterior; *Fahrenheit 451* (1966); a quadrilogia *Jogos Vorazes* (*The Hunger Games*, 2012–2015), tendo tratamento analítico como uma narrativa única; *Divino Amor* (2019)*;* um episódio da antologia *Black Mirror* (2011–presente); e a minissérie *Years and Years* (2019).

À ideia de experimento mental, somamos outras angulações teóricas que visam apreender os construtos de distopias materializados nas narrativas audiovisuais: reflexões

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

sobre utopia e distopia, e as (in)definições e articulações dessas duas expressões; conceitos e noções de narrativa e de linguagem audiovisual; midiatização e circulação; e imaginário e imagens em circulação.

Para a abordagem metodológica, verificamos a necessidade de propor uma articulação entre os dispositivos interacionais (BRAGA, 2017), o paradigma indiciário (BRAGA, 2008) e as perspectivas metodológicas inerentes aos acionamentos teóricos. Ao tratarmos cada caso como um dispositivo interacional específico de tonalidade distópica, o método de investigação heurística proposta por José Luiz Braga (2017) permitirá observar indícios, estruturas e esquemas narrativos construídos em cada obra, apreender os objetivos e as estratégias dramáticas de cada narrativa, as lógicas internas e os encaminhamentos narrativos, conceituais e propositivos. Após a investigação das lógicas e dinâmicas específicas de cada obra, inferindo *que distopia* o caso específico constrói, poderemos elaborar inferências transversais, verificando como o conjunto específica responde a perguntas gerais externas às narrativas.

Para a primeira pré-observação empírica, optamos pelo filme *Blade Runner, o caçador de androides* (*Blade Runner*, 1982), visto que o filme apresenta aspectos menos óbvios em relação a outras narrativas. Durante a observação, os resultados prévios resultaram em duas propostas de tratamento analítico, uma focada no desenvolvimento dramático, e a outra, a partir de três ângulos considerados estruturais: a cidade, com suas luzes, telas e tecnologias, mas também com suas cicatrizes, escuridão e poluição; as relações interpessoais, instáveis, conflitantes e intensas, construídas pela narrativa; e o questionamento da natureza da realidade e da condição humana, uma constante em um mundo em que tudo pode ser manipulado e fabricado.

A partir dessa primeira pré-observação, verificamos a necessidade de realizarmos aproximações contínuas e sistemáticas, alternando entre a busca por indícios específicos e a realização de observações e inferências mais gerais, conforme propõe o método de

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

investigação heurística de Braga (2017). Nessas experimentações analíticas, percebemos a importância de dosar, também, códigos e inferências, visto que é na articulação entre ambos que poderemos apreender as características específicas e as lógicas internas de cada dispositivo. Nos deparamos, nesse momento, com uma situação que exige o olhar atento e curioso do pesquisador, bem como um trabalho sistemático; ao mesmo tempo, estamos frente a uma oportunidade única, não só de apreender as distopias, mas, principalmente, de poder esquadrinhar uma possível "teoria da distopia" e contribuir, assim, para a compreensão dessas narrativas que tanto nos assombram quanto nos fascinam.

No estágio atual da pesquisa, nosso esforço se encontra no aprofundamento teórico e metodológico e na definição do *corpus* para a realização das análises. Nestas, buscaremos, como apontado, apreender como cada obra constrói a sua distopia específica, para, depois, fazermos inferências transversais no conjunto de casos. Observamos, no entanto, relações do nosso objeto de pesquisa com a midiatização e com o imaginário e que levantam questionamentos que são da ordem tanto da especificidade das obras, nossa preocupação no momento, quanto do conjunto, cuja observação ainda se encontra no horizonte da pesquisa. Faremos, desse modo, apontamentos sobre o que observamos hoje que nos levam a questionamentos sobre o que ainda será desenvolvido.

Apontamentos sobre o que observamos hoje e questionamentos sobre o que vemos no horizonte

Para Oscar Traversa (2018), as narrativas, ainda muito associadas à escrita, são inerentes ao ser humano e fazem parte do processo comunicacional da humanidade desde seu princípio: encontramos, nas figuras rupestres, os registros das primeiras narrativas humanas. O autor afirma que as ficções, parte da construção social individual e coletiva,

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

que se inicia ainda na infância, se materializam através das narrativas, como nos mitos, lendas, contos, produções estéticas – orais, escritas, visuais, sonoras. Através de processos como mimese, semelhança, imitação, as narrativas externalizam atividades da mente e coletivas, e, também, representações da realidade – vivida ou percebida, passada ou presente, próxima ou distante – em dispositivos ficcionais: livros, peças teatrais, pinturas, fotografias, cinema. (TRAVERSA, 2018).

A partir da afirmação de Roland Barthes (2011, p. 19) de que "a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades", Traversa constrói seu argumento de que as narrativas, construídas através de trabalho técnico e social, são produções midiáticas que fazem parte do fenômeno da midiatização. O autor assume a perspectiva defendida por Verón (2014 apud TRAVERSA, 2018) de que a midiatização, assim como as narrativas, não é um processo originado com a invenção da escrita ou da imprensa, mas é uma dimensão constitutiva do *Homo sapiens*. Por fazerem parte das ciências do humano e da sociedade, as narrativas são indissociáveis dos processos sociais e, consequentemente, do processo de midiatização.

Se compreendemos as narrativas do mundo como materializações das atividades e das experiências individuais e coletivas, então podemos acreditar que também são expressões materiais do imaginário, de um indivíduo ou de uma sociedade. Para Jean-Jacques Wunenburger (2007, p. 7), "fantasia, lembrança, devaneio, sonho, crença não-verificável, mito, romance, ficção são várias expressões do imaginário de um homem ou de uma cultura.". Isto é, as narrativas, ficcionais ou não, também externalizam elementos do imaginário. O autor cita como exemplo os mitos: "eles narram histórias de personagens divinas ou humanas que servem para traduzir de maneira simbólica e antropomórfica crenças sobre a origem, a natureza e o fim de fenômenos cosmológicos, psicológicos, históricos." (WUNENBURGER, 2007, p. 8). O imaginário, no entanto, se externaliza em diversas formas narrativas, não somente aquelas puramente fantásticas ou mitológicas.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

Narrativas de ficção científica distópica, por exemplo, podem apresentar elementos do imaginário de uma determinada sociedade, cultura ou contexto específico.

Ao verificarmos a data de publicação ou lançamento das distopias literárias e cinematográficas, nos chamou a atenção a concentração de um número considerável de obras em duas épocas específicos do século XX. O primeiro é conhecido como "Período Entre Guerras" (1918–1939) – intervalo de paz entre as duas grandes guerras, marcado por tensões entre as grandes potências mundiais e pela ascensão de regimes totalitários, como na Alemanha e na União Soviética. O segundo é o período da Guerra Fria (1945–1991), uma das épocas mais sombrias da história humana recente, com disputas e conflitos indiretos entre as nações orientais e ocidentais e entre os sistemas socialista e capitalista.

Após uma considerável diminuição no lançamento de obras distópicas entre o final da década de 1980 e o final dos anos 1990, uma nova leva de narrativas audiovisuais e literárias na virada do século tornou a distopia um dos gêneros mais conhecidos, não só dos fãs de ficção científica. Nesse sentido, nos chama a atenção o fato de que essas distopias surgiram em um período de relativa paz mundial.

Vemos no século XXI, contudo, a constituição de um ambiente de tensão crescente: o surgimento e a retomada de conflitos entre povos e países; aumento dos atritos entre governos, instituições, grupos e atores sociais; intolerância e incivilidade, preconceito e segregação; retomada de ideais fascistas e ascensão de grupos extremistas e governos conservadores; instabilidade econômica e política global; aceleração dos avanços científicos e tecnológicos em diversas áreas, da cibernética à astrofísica, cujos efeitos a longo prazo ainda são imprevisíveis; censura, vigilância e controle dos indivíduos, inclusive através de novas tecnologias; mudanças climáticas drásticas e, possivelmente, irreversíveis; ansiedade e medo em relação ao futuro, já apontados como possíveis causadores de transtornos mentais, como estresse e depressão; guerras

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

comerciais, cibernéticas e midiáticas; questionamento da ciência e de fatos históricos; desinformação, incomunicabilidade e *fake news*. Acrescentamos a essa lista pandemias mundiais como a de covid-19, causada pelo vírus Sars-CoV-2, que já deixou milhões de vítimas ao redor do mundo, requisitou isolamento social da população e que requisitou mudanças drásticas nas práticas sociais, políticas, econômicas, culturais e educacionais. Pandemias, como essa, levam a uma maior instabilidade social e geram incertezas sobre o presente e, sobretudo, sobre o futuro.

Ao observamos nosso objeto de pesquisa, verificamos que as obras distópicas, cada uma a seu modo, incorporam, reproduzem, representam ou atualizam esses aspectos, de maneira mais central ou contextual. Surge, assim, dois questionamentos interrelacionados. O primeiro é se, e como, as *afetações* entre as narrativas distópicas e os contextos ou a realidade social também seriam consequência, ou reação, de uma ambiência midiatizada (GOMES, 2017). A aceleração e a intensificação dos processos sociais e midiáticos, sobretudo através de aparatos tecnológicos, também não estariam agindo sobre a nossa percepção sobre o futuro e levando a questionamentos e à crítica da nossa realidade nas fabulações sobre o futuro? Ou as distopias também seriam fabulações e experimentações próprias do *sapiens midiatizado* que, para compreender o presente, projeta no futuro aquilo que observa no horizonte, por melhor ou pior que seja?

Relacionado a esse, surge outro questionamento. Se observamos, na relação entre as distopias e a realidade social, seus contextos – político, econômico, social, cultural – e essa ambiência midiatizada, elementos, aspectos ou ideias *considerados como distópicos* presentes nos imaginários individual e coletivo, poderíamos estar observando, assim, a construção de um *imaginário distópico*? Em vez de uma possível "teoria de distopia", surgiria, então a possibilidade de verificamos a constituição de um imaginário, nem fixo nem estável, mas amplo, múltiplo e em constante movimento, a partir do que observamos,

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 4 (2020)

apreendemos e experienciamos como distópico. Não buscamos, aqui, respostas exatas ou encaminhamentos, mas experimentar ideias e provocações no debate entre colegas.

Referências

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. *In*: BARTHES, Roland et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 19-72.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, São Paulo, n. 2, p. 73-88, abr. 2008. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/38193/40936/. Acesso em: 30 jul. 2020.

BRAGA, José Luiz. Interação como contexto de comunicação. **Revista Matrizes**, São Paulo. n. 1, p. 25-41, jul./dez. 2012. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/48048/51802/. Acesso em: 30 jul. 2020.

BRAGA, José Luiz. Matrizes Interacionais. *In*: BRAGA, José Luiz et al. **Matrizes interacionais**: A comunicação constrói a sociedade. Campina Grande: EDUEPB, 2017, p. 15-84.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiatização**. Um conceito em evolução. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

LE GUIN, Ursula K. **A mão esquerda da escuridão**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2014.

TRAVERSA, Oscar. Ficción narrativa y mediatización: acerca de sus relaciones. *In*: FERREIRA, Jairo et al. **Entre o que se diz e o que se pensa**: onde está a midiatização? Santa Maria: FACOS – UFSM, 2018. p. 315-334. *E-book*. Disponível em: http://midiaticom.org/files/entreoquesedizeoquesepensa.pdf. Acesso em: 30 jul. 2020.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Loyola, 2007.